

OBSERVAÇÕES SOBRE O TEXTO E O SENTIDO NA ERA DOS EMOJIS

Dagmar Vieira Nogueira Silva (UEMS)
dagmarvns@hotmail.com

Vanderlis Legramante Barbosa (UEMS)
vanderlis1@yahoo.com.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar práticas digitais discursivas multimodais, geradas a partir de uma proposta pedagógica que fomentou o diálogo narrativo virtual com base no uso de *emojis* e *emoticons* na sala de aula. Com esse propósito, consideramos importante compreender a construção de sentido, expectada pelos interlocutores, diante dessas comunicações não verbais que se configuram nos contatos virtuais, possibilitados por meio de aplicativos de mensagem instantânea. Nessa perspectiva, buscamos amparo nos estudos de autores como Maria da Graça Costa Val (2004), Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia (1992), Mikhail Bakhtin (1997), Luiz Antônio Marcuschi (2005), Roxane Helena Rodrigues Rojo e Jacqueline Peixoto Barbosa (2015), Ângela Paiva Dionísio (2007), Maria Helena Silveira Bonilla e Nelson De Luca Pretto (2015), entre outros, que analisam a comunicação humana, discorrendo sobre as perspectivas textuais e as representações carregadas de sentidos presentes nos textos multimodais. Como parte do “corpus” deste trabalho, estão as produções dos alunos em forma de diálogo, exclusivamente construídas por elementos pictóricos, os quais serviram de base para nossa análise reflexiva de como os sentidos são construídos a partir de outras linguagens, além da verbal.

Palavras-chave: Texto. Multimodalidade. Discurso. *Emoji*. *Emoticon*.

1. Introdução

A comunicação é consolidada pelas relações sociais em diferentes esferas interacionais (verbal, visual, gestual, auditiva, entre outras). Nessa perspectiva discutiremos sobre os textos multimodais.

Devido ao desenvolvimento tecnológico e a intensificação do uso das redes sociais, principalmente dos aplicativos de mensagem instantânea, as formas de linguagens são renovadas e recursos gráficos conheci-

dos como *emojis* e *emoticons* são também aliados à linguagem verbal.

A presença dos textos multimodais, em especial, os que fazem uso de *emojis*, direciona nossas práticas para uma postura de inserção e valorização de novas linguagens na sala de aula, mais propriamente, nas aulas de língua portuguesa. A questão se tornou tão presente no cotidiano das pessoas que o programa de humor *Porta dos Fundos*, vinculado na internet, apresentou uma enquete baseada na leitura de *emoticons* e suas particularidades no contexto de flertes e paqueras¹²².

2. *Alguns apontamentos sobre o texto*

A todo o momento estamos produzindo textos e agindo por meio deles, pois acreditamos que eles se concretizam pela fala, pela visão, pela audição, em um sentido e apresentando uma intenção comunicativa. Para Maria da Graça Costa Val (2004) pode-se definir texto

como qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução. Por exemplo: uma enciclopédia é um texto, uma aula é um texto, um e-mail é um texto, uma conversa por telefone é um texto, é também texto a fala de uma criança que, dirigindo-se à mãe, aponta um brinquedo e diz 'té' (p. 1).

Luiz Carlos Travaglia (1992) enfoca o que é e para que serve o texto, na intenção de definir essa estrutura física presente na oralidade e escrita do falante.

é uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão. (KOCH & TRAVAGLIA, 1992, p. 8-9)

Desde sua origem latina que faz menção à tessitura, entrelaçamento, exposição, narração, verificamos que se trata de uma entidade física, linguística com função clara: emitir um enunciado a fim de se fazer entender pelo interlocutor. O texto está diretamente interligado ao contexto e à intenção comunicativa, ou seja, ao discurso.

José Luiz Fiorin (2012, p. 148) em uma alegação acerca da temática, trazia como uma de suas definições que “O texto é a manifestação

¹²² A esquete pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=1UptRVmFtMg>

de um discurso”, ou seja, “O discurso é o plano do conteúdo, enquanto o texto é do plano da expressão...”, sendo assim, pressupõe-se que o discurso se antepõe ao texto, uma vez que é produto da enunciação e sua proposta comunicativa não muda, mas sim as possibilidades de exploração em diversos tipos de textos. Segundo o autor, o discurso está diretamente ligado ao dialogismo, isso quando se faz entender na interação social. Nesse ponto entra o contexto como inserção no ato comunicativo.

Há vários tipos de textos, construídos por meio de palavras, símbolos, imagens, e até mesmo formalizados mediante as percepções olfativas, gestuais, entre outras. No entanto, ao se construir uma situação a fim de entender o enunciado, é preciso um contexto no qual o próprio texto vai se encaixar. E quando falamos em contexto, entramos numa questão que vai além do pragmático, pois se encontra no indivíduo e é elementar para aquisição do sentido do texto.

Cabe a este artigo a observação do texto como expressão do contexto, tendo em vista as inovações tecnológicas que embasam o surgimento de diversos gêneros textuais, culminando na produção de sentido no indivíduo e, nessa perspectiva, Mikhail Bakhtin (1997, p. 333) levanta questões fundamentais para o entendimento dessa relação discursiva no processo cognitivo no qual ocorre:

complexa interdependência que se estabelece entre o *texto* (objeto de análise e de reflexão) e o *contexto* que o elabora e o envolve (contexto interrogativo, contestatório, etc.) através do qual se realiza o pensamento do sujeito que pratica ato de cognição e de juízo. Há encontro de dois textos, do que está concluído e do que está sendo elaborado em reação ao primeiro. Há, portanto, encontro de dois sujeitos, de dois autores. (BAKHTIN, 1997, p. 333)

A construção do sentido do texto produzido individualmente será distinta de indivíduo para indivíduo devido aos diferentes tipos de conhecimentos que são produzidos ao longo das relações sociais imbricadas pelo contexto e pela intenção do discurso. Segundo Mikhail Bakhtin (1997) determinadas condições de comunicação refletem na composição do discurso e da linguagem. Nesse sentido, cabe levantarmos alguns apontamentos acerca dos gêneros discursivos e da multimodalidade.

3. Gêneros discursivos e os textos multimodais

A tecnologia proporciona uma gama inesgotável de possibilidades de transgressão entre os gêneros do discurso. Textos híbridos dão vida a novos suportes e performances que recorrem a mais de uma possibilidade

de produção textual. Os textos multimodais têm caráter multissemiótico (ROJO & BARBOSA, 2015) e agem de acordo com a estrutura ou esfera de ação que integra as práticas sociais em um determinado contexto em uma determinada situação que exija fatores de compreensão para que o(s) sentido(s) seja(m) internalizado(s) e ressignificado(s).

Em qualquer tipo de interação social, seja ela oral ou por meio de recursos tecnológicos como os aplicativos de bate-papo ou redes sociais, “estamos envolvidos numa comunicação multimodal. Ao lermos um texto manuscrito, um texto impresso numa página de revista, ou na tela de um computador, estamos envolvidos numa comunicação multimodal” (DIONÍSIO, 2007, p. 178). Tudo que envolve dois ou mais modos de representação comunicativa, é considerado multimodal. Os modos de composição e significação das linguagens ultrapassam a tipografia, o verbal. Palavras, gestos, entonações, imagens, entre outros, cominados, entrelaçam-se e revelam-se como construtores de sentido que permeiam os gêneros discursivos, principalmente os que veiculam na mídia.

A diversidade dos textos multimodais na sociedade se deve à expansão da *Internet*. A rapidez e a sintetização de formas de comunicação, ao que se remete à linguagem verbal, intensificou o uso de textos mais híbridos e não verbais, formalizando a comunicação por meio de códigos linguísticos denominados *emoticons* e *emojis*. Tal observação impulsionou nosso olhar para a utilização dessas linguagens de forma integrada ao estudo e análise, na sala de aula, da construção dos sentidos desses textos que fazem parte do contexto social atual.

4. *Ensino articulado com as práticas sociais: o uso dos emoticons e emojis na sala de aula*

Os olhares sobre as tecnologias digitais nos remetem a valorizar as diversas plataformas de produção textual e acreditando no pensamento crítico do professor, enquanto formador e orientador na prática docente, vemos a importância de resgatar os mais variados textos do cotidiano e ampliar as esferas de comunicação e produção para que haja a ressignificação apoiada em textos que circulam na sociedade, principalmente nas redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea.

Basta um olhar mais analítico das redes sociais para percebermos a flexibilidade dos gêneros do discurso que se desdobram em inúmeras possibilidades de interação e se propagam em extrema velocidade. Den-

tre os discursos e gêneros textuais, um dos que nos chamou a atenção, ou pelo uso cada vez mais contundente, ou pela variedade e expressividade demonstrada de forma interpretativa e de substituição das palavras, foram as mensagens instantâneas com uso dos *emoticons* e os *emojis*. Embora muitas pessoas achem que os termos são sinônimos, a verdade é que as palavras dizem respeito a conceitos que são bastante diferentes.

4.1. Como surgiram os emoticons?

A origem do *emoticon* data de 1982, como uma ideia apresentada pelo professor Scott Fahlman, da Universidade Carnegie Mellon, de Pittsburgh, EUA. O professor Fahlman, objetivando diferenciar os e-mails formais dos que continham alguma piada, redigiu um texto eletrônico com o seguinte conteúdo: “Proponho a seguinte sequência de caracteres para os marcadores de piada: :-) Leia-o de lado” (MORO; 2016, p. 60). Essa configuração de caracteres acabou por difundir-se para outras universidades e laboratórios e, em pouco tempo, o *emoticon* tornou-se bastante conhecido no ambiente acadêmico. Mais tarde, devido principalmente ao desenvolvimento da internet de modo amplo, o item passou a ser utilizado em e-mails, salas de bate-papo e meios de comunicação instantâneos, sendo, por fim, adotado na troca de mensagens por celulares.

A palavra *emoticon* vem da língua inglesa, a partir da junção de *emotion* (emoção) + *icon* (ícone). Os *emoticons*, dessa forma, são símbolos formados a partir de outros símbolos: “carinhas” feitas com sinais, letras e números do teclado do computador, as quais representam por meio desses caracteres sentimentos de: alegria = :-D, tristeza = :- (, tô passando mal = :- 6 , ou ainda mensagens tais como, “primeiro tira o óculos = 1º tira o 8-(, estou piscando um olho = ; -) , entre outros.

Inicialmente, os *emoticons* possuíam apenas a representação do próprio texto, mas, com o tempo, os caracteres foram incorporando imagens gráficas em sua representação e se diversificando de várias maneiras. Essas figuras são chamadas de *emojis*. (MORO; 2016, p. 60)

O termo *emoji* foi dado por Shigetaka Kurita, em 1995, ao incluir a nova configuração gráfica em *pager*s da companhia que trabalhava, a fim de atrair o público adolescente. De origem japonesa, a palavra *emoji* é composta pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa, como por exemplo: Cho-

rando de rir, apaixonado/a, simbolizando aprovação ou consentimento...

Tanto os *emoticons* como os *emojis* estão presentes na comunicação dos internautas do mundo inteiro, respeitando-se as diferenças linguísticas e culturais. Em sala de aula não é diferente, alunos de quase todas as idades comunicam-se por meio dos celulares, *laptop* e demais meios eletrônicos utilizando o que já ficou conhecido como “internetês”, uma espécie de linguagem que visa, sobretudo, agilizar a comunicação, pois na maioria das vezes é composta por termos abreviados, *emoticons* e *emojis*.

4.2. O uso dos emoticons e emojis pela geração digital

Embora o uso dessa linguagem seja criticado por boa parte dos profissionais da área da educação por acreditar principalmente no comprometimento do registro da norma culta, dificilmente haverá meios que impeçam os usuários da língua, em especial os adolescentes e jovens, de se comunicarem de tal forma, com o já identificado pela maioria dos falantes como o dialeto do “internetês”.

A missão dos educadores nesse contexto é orientar os educandos quanto à utilização de tal dialeto, distinguindo-os, a fim de uma melhor adequação tanto no que se refere à forma, quanto ao que se refere à escolha das palavras a serem veiculadas, afinal o intuito primordial de todo e qualquer falante da língua é comunicar-se, transmitindo suas ideias e pensamentos e compreendendo o mundo que o cerca.

O aluno diante das telinhas interativas deve estar ciente de quem é exatamente seu interlocutor, em qual contexto ele está inserido, para então fazer suas escolhas com relação aos signos linguísticos. Assim como afirmam Maria Helena Silveira Bonilla e Nelson De Luca Pretto (2015, p. 151):

A criação de bens culturais como fotografias, vídeos, programas de rádio, entre outros, abre um importante caminho para a ampliação do universo da sala de aula, estimulando alunos e professores a produzirem esses bens culturais articulados com seu contexto, fortalecendo a relação local e não local, disponibilizando-os de forma livre, aberta e sem necessidade e controle de intermediários, possibilitando, de fato, a apropriação coletiva e a remixagem desses materiais, com o estabelecimento de um diálogo entre culturas, saberes e linguagens.

Aliados a esse pensamento, acreditamos que o papel da escola é adaptar situações de interação e diálogo com as tecnologias digitais, em

defesa de diversas formas de letramento crítico.

Dessa forma, propusemos uma oficina de produção de texto para alunos do 9º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas, partindo do uso essencialmente de *emoticons* ou *emojis* como indicadores, para expressar emoções, sentimentos e representar situações envolvendo diferentes atividades sociais.

A finalidade da atividade proposta, descrita no próximo subtítulo desse artigo, foi a de estruturar e produzir um texto narrativo por meio da interpretação das imagens/símbolos e construir sentido estabelecendo relação entre a intenção discursiva e os recursos a serem utilizados na produção textual, a fim de “criar condições para que os aprendizes questionem que perspectivas socioculturais estão sendo mais incluídas, que outras estão sendo menos incluídas por tais escolhas poderá favorecer a expansão da capacidade crítico-interpretativa dos mesmos.” Ruberval Franco Maciel e Nara Hiroko Takaki (2015, p. 59). Evidenciando também a efetiva participação dos alunos na produção criativa e de translinguagem.

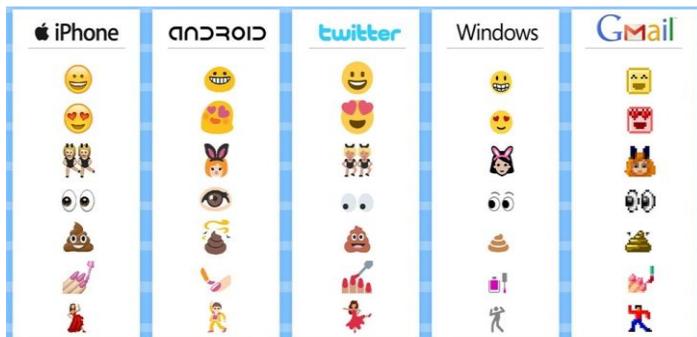
Como o uso dos *emoticons* e *emojis* faz parte do cotidiano da maioria dos alunos que participariam da atividade, foi feita uma discussão acerca do uso e da visão dos alunos sobre a importância, dependência, aproximação, expressão de pensamento e substituição dos termos verbais a que se refere à utilização desses símbolos/imagens na atualidade, principalmente como representação da oralidade na comunicação social.

Em seguida, apresentamos aos alunos alguns exemplos de *emoticons* e *emojis* presentes em aplicativos, sites de relacionamentos, em *smartphones* e em *iPhone* para análise, discussão e observação da(s) interpretação/ões dos alunos quando questionados sobre a intenção de uso de algumas das figuras abaixo de *emojis* que são disponibilizados em *smartphones*, por exemplo:



Fonte: <<http://inner.geek.nz/archives/2009/02/06/the-truth-about-iphone-emoji>>.

Em outro momento, trouxemos um exemplo de como cada sistema interpreta o mesmo *emoji* de formas diferentes de acordo com a plataforma de uso:



Fonte: <<http://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm>>

Exemplos de alguns *emoticons*:



Fonte: <<http://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm>>

A proposta de uso dos *emoticons* e/ou *emojis* para a comunicação via celular, por meio de um aplicativo de mensagem instantânea, denominado *WhatsApp*. Nessa atividade os alunos teriam que estabelecer um diálogo em forma de texto narrativo fazendo uso apenas de elementos pictóricos. Depois, cada dupla faria um *print* do texto estabelecido para expor no aparelho de *datashow* e apresentar aos colegas de classe a fim de observar se a intenção discursiva elaborada no texto, a qual deveria se

confirmar (ou não) na interpretação/compreensão dos colegas da sala. Somente depois dessa análise os alunos poderiam explicar o teor do texto elaborado.

Os alunos das respectivas turmas têm entre 13 a 16 anos e nem todos possuem aparelhos celulares, contudo, fora dada a possibilidade de realização da atividade em duplas, reconhecendo de antemão que a tal forma de comunicação é reconhecida por todos os alunos, não havendo assim, empecilhos para a realização da atividade proposta no que tange ao dialeto do “internetês”.

4.3. Alguns textos produzidos pelos alunos tendo como base o uso exclusivo dos *emojis* para expressar a intenção discursiva

A partir da elaboração da proposta de produção de texto sugerida nas aulas de língua portuguesa, os alunos enviaram, via *e-mail*, rede social (*Facebook*) ou aplicativo (*WhatsApp*), o resultado da experiência de escrita por meio dos *emojis* (percebeu-se o uso exclusivo dos *emojis* nas produções, acreditamos que pelo fato de serem mais diversificados e ágeis que os *emoticons* na comunicação *online*).



Texto (1)



Texto (2)



Texto (3)



Texto (4)



Texto (5)



Texto (6)

Assim como todo discurso há uma intenção, o intuito de nossa atividade foi o de analisar e refletir sobre as formas de registro, principalmente vinculadas aos textos que circulam na *Internet*, que no caso, aplicam-se nas redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea.

Ao analisarmos os textos produzidos pelos alunos e, posterior-

mente a construção de significados dos colegas de classe, a partir dos textos expostos em *datashow*, verificamos que mesmo com uma composição textual desprovida de linguagem verbal e, que mesmo havendo desigualdades sociais do grupo de alunos, grande parte dos alunos tiveram acesso às informações, conheciam e/ou criaram sentidos muito semelhantes para os pictogramas. Com isso percebemos envolvimento dos alunos em desenvolver a atividade proposta, tanto na produção quanto na observação e ressignificação dos textos analisados em conjunto.

Essas observações nos fizeram refletir sobre o uso das tecnologias na escola tendo em vista a participação social dos alunos, pois como afirmam Denise Bértoli Braga e Cláudia Lemos Vóvio (2015), há inúmeras formas de se expressar, sendo a escrita apenas uma delas. Outro fator importante é a ressignificação e a produção de sentidos que emergem no processo de conhecimento. Os sentidos não estão prontos nem acabados, sobretudo no momento de transição entre as mídias. Segundo Ruberval Franco Maciel e Fabrício Tetsuya Parreira Ono (2017), devemos aproveitar os espaços trazidos pela cibercultura para a socialização da aprendizagem, renovando as práticas de uma sociedade *tipográfica*¹²³ para o que os referidos autores denominam como perspectiva *pós-tipográfica*¹²⁴.

Esse termo utilizado por Ruberval Franco Maciel e Fabrício Tetsuya Parreira Ono (2017) refere-se a métodos e olhares para novas perspectivas de conhecimento, pautados em práticas que privilegiem a mistura de ambas as acepções de ensino (tipográfica e pós-tipográfica) devido ao avanço tecnológico e pelas multimodalidades textuais.

5. *Análise dos dados*

Os *prints* retirados de conversas de alunos no aplicativo *WhatsApp* são alguns dos exemplos produzidos pelos estudantes durante a aplicação da proposta. Nos textos 1 e 2, os alunos criaram pequenos diálogos fictícios, um sobre um fato emergencial que ocorre com um dos personagens e no outro (Texto 2) ocorre uma conversa entre duas amigas sobre uma possível decepção amorosa e sobre o sentimento da amizade. É possível observar que o uso dos *emojis*, nesse caso, foi simples e não

¹²³ Refere-se a práticas de conhecimento de caráter linear, individualizado, pautado na escrita.

¹²⁴ Refere-se a práticas colaborativas, com saberes compartilhados, tendo vista a novas interpretações de textos socialmente produzidos, principalmente os multimodais.

requereu tanto conhecimento dos pictogramas para que houvesse uma contestação do que se passava nas narrativas. Por mais que o uso das imagens pictóricas fosse variado, não houve necessidade de um contexto muito particular por parte dos alunos, para que entendessem a intenção comunicativa.

Verificamos que os *emojis* utilizados no diálogo para a construção de sentido trouxeram em seu teor representativo uma relativa semelhança da imagem com o mundo real. Assim um período como o retirado do texto (1)  pode ser compreendido como: “a casa está pegando fogo, ligue para o bombeiro”. Dessa forma essa representação da linguagem por meio dos *emojis*, não exige um grande conhecimento do uso particular dos símbolos para a compreensão da mensagem e foi o que se verificou na análise entre os alunos.

No que se refere aos textos 3 e 4, também analisamos que a escolha dos *emojis* ocorreu de forma linear e em consonância ao que as imagens representavam em relação ao discurso. Os alunos optaram por uma sequência autoexplicativa das imagens, conforme o exemplo abaixo:



Está anoitecendo.



Já é hora/Está ficando tarde



Eu vou estudar.



E depois dormir/E infelizmente dormir.

Sobre os textos 3 e 4 a divergência de interpretações ocorreu de forma pouco contrastiva. Observamos que os símbolos utilizados no contexto discursivo desses textos possibilitaram a negociação dos sentidos de forma que quase todos os alunos tivessem a mesma aceção da comunicação. Essa produção textual nos remeteu a outras percepções do uso da linguagem, possibilitando realizar atividades de leitura e interpretação

de textos na sala de aula que não sejam, necessariamente, verbais. Nesse contexto, temos o que Josiane Brunetti Cani e Carla Viana Coscarelli (2016) defendem como recursos não verbais, os quais são configurados em estruturas formadas por outras linguagens, nesse caso, por símbolos conhecidos como *emojis*.

Já nos textos 5 e 6, o uso é mais intenso e variado de *emojis*, o que dificultou o resultado da interpretação discursiva. Principalmente para aqueles que desconheciam o significado de alguns símbolos representativos ou por serem usados de forma individualizada. Assim, atribuímos as escolhas dos *emojis* ao contexto particular trazido por cada componente da elaboração textual. Já para os alunos que leram, buscaram nas experiências sociais a atribuição de sentidos aos elementos que construíram a narrativa. Um recorte que fazemos ilustra-se no exemplo abaixo:



O uso desses *emojis* justificou-se pela representação de uma letra de música “*Quando o mel é bom, a abelha sempre volta*” (SIMONE & SIMARIA, Quando o mel é bom). Essa análise se embasa na concepção de Mikhail Bakhtin (2011) de que o contexto individual interfere na construção dos sentidos de cada situação ou texto. Em outras palavras, mesmo para quem conhecesse a música, quando os textos 5 e 6 foram apresentados aos alunos, diversas possibilidades de interpretação e significações foram suscitadas de acordo com o ponto de vista, experiências, percepções que cada um trazia consigo de contexto social.

Nessa análise, percebemos que novos sentidos foram atribuídos aos textos e que as associações imagéticas surpreenderam não só aos alunos que produziram as narrativas, mas também a nós, pois refletimos sobre novas perspectivas acerca da abordagem linguística em sala de aula, sobretudo de língua materna como produtora de sentido e de inferência textual. As imagens possibilitaram outras leituras da composição textual, reforçando nosso posicionamento em relação à construção dos sentidos e da ressignificação do texto a partir da exploração visual.

Um ponto relevante diante dessa abordagem linguística foi a de escolha e ressignificação do texto não verbal, partindo não só de interesses particulares, mas tendo que negociar os elementos textuais na produção dos significados de acordo com o contexto e a situação comunicativa. Esse tipo de conhecimento reforça o pensamento de Liliam Cristina Marins Prieto (2015, p. 41) de que “a diversidade precisa vir à tona na sala

de aula por meio de narrativas de vida (experiências), negociação de personalidades (interesses, valores) e estilo diferentes (discursivos, de aprendizagem)”.
Ainda segundo a autora, os textos multimodais, que não privilegiam apenas a palavra, são importantes meios para ampliar o criticidade e a valorização da imagem e por isso não devem ser ignorados no processo de aprendizagem do aluno, principalmente na contemporaneidade. A atividade aqui analisada e desenvolvida nos fez refletir sobre como o envolvimento de experiências e vivências, quando privilegiados nas aulas, podem auxiliar na aprendizagem juntamente com as tecnologias de informação, desde que envolva a produção de significado a partir das diferentes formas de linguagens.

6. Considerações finais

As linguagens estão diretamente ligadas aos textos multimodais, principalmente nas relações sociais como via de comunicação rápida e/ou instantânea que se constroem de diversas formas nas práticas sociais. O desafio é não particularizar essas práticas apenas para a comunicação social, entretanto aliá-las à sala de aula como proposta de interferência e criticidade.

Observamos que redefinir o papel da linguagem requer que valorizemos os mais variados textos das práticas cotidianas e a intenção discursiva em contextos diferentes, lembrando que “as práticas de letramento multilíngues aos poucos se tornaram um modo fundamental de participação do mundo online globalizado”. (BARTON & LEE, 2015, p. 216)

Os textos multimodais com auxílio visual vêm ganhando espaço no pluralismo linguístico e acreditamos que a construção do significado por parte do aluno quando instigado a falar, pensar, inferir, enfim, quando utilizamos plataformas diversificadas, aliadas às novas tecnologias, estamos tomando decisões pedagógicas que permitem novas concepções de conhecimento e abordagem da linguagem.

Por fim, valorizar novas práticas discursivas e textuais, ampliam nossas possibilidades quanto educadores, sobretudo mediante às novas atividades *on-line*, desenvolvendo habilidades e situações para a construção de sentidos no texto que não estão prontos ou acabados, mas sim abertos a novos olhares e perspectivas no uso da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira; rev. da trad.: Marina Appenzellerl. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Trad.: Milton Gonçalves Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. As tecnologias digitais: construindo uma escola ativista. In: BRAGA, Denise Bértoli. (Org.) *Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social*. São Paulo: Cortez, 2015.

BRAGA, Denise Bértoli; VÓVIO, Claudia Lemos. Uso de tecnologia e participação em letramentos digitais em contextos de desigualdades. In BRAGA, Denise Bértoli. (Org.). *Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social*. São Paulo: Cortez, 2015.

CANI, Josiane Brunetti; COSCARELLI, Carla Viana. Textos multimodais como objeto de ensino: reflexões em propostas didáticas. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti. (Orgs.). *Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem*. Campinas: Pontes, 2016.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias; PEREIRA, Rony Farto; ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. *Pedagogia cidadã: cadernos de formação: língua portuguesa*, vol. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004, p. 113-128.

DIONISIO, Angela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. (Orgs.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (Orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. *Linguagem dos emojis e a reinvenção do alfabeto*. In: FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro; FERREIRA, Lucas Pazoline da Silva. (Orgs.). *Ciberartigo: linguística, hipertexto educação*. 1. ed. Aracaju: Criação, 2016.

MACIEL, Ruberval Franco; TAKAKI, Nara Hiroko. Novos letramentos pelos memes: muito além do ensino de línguas. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco. (Orgs). *Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente*. Campinas: Pontes, 2015, p. 53-81.

_____; ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. Desaprendendo para aprender: questionamento sobre e para a formação docente. In: SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; Ruberval Franco; FORTILLI, Solange de Carvalho. (Orgs.). *Formação docente e ensino de língua portuguesa: resultado de perspectivas do/no Profletras – Região Centro-Oeste*. Cáceres: UNEMAT, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MORO, Gláucio Henrique Matsushita. *Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas*. Revista de Estudos da Comunicação. Curitiba, vol. 17, n. 43, p. 53-70, set./dez. 2016.

PRIETO, Liliam Cristina Marins. Letramento multimodal via tradução e ensino de literatura na terceira idade. In: ZACCHI, Vanderlei José; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. (Orgs.). *Letramentos e mídias: música, televisão e jogos digitais no ensino de língua e literatura*. Maceió: Edufal, 2015.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

SOUZA, Ramon de. *Você sabe qual é a diferença entre emoticons e emojis?* <<http://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm>>. Acesso em: 09-06-2015.